

“Não sou e nem curto afeminados”: uma análise da afeminofobia no Grindr¹

Eduardo Prates MACEDO²

Andréa Corneli ORTIS³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a afeminofobia no Grindr e traçar a linha que separa o gosto das preferências atrativas. Discorre-se, em primeiro lugar, pelo o conceito de masculinidades para, assim, questionar a construção da imagem do homem. A partir disso, investiga-se a construção do gosto com o objetivo de desconstruir o conceito de “gosto não se discute”. Após reavaliar esses termos, masculinidade e gosto, é cabível refletir sobre a relação entre afeminofobia e o reconhecimento social. Utiliza-se à Análise de Conteúdo em 14 perfis do Grindr, juntamente com as questões aprofundadas anteriormente, para realizarmos a distinção entre discriminação e gosto. Em nossos resultados, salientamos que cada um tem um gosto, porém é necessário reavaliar ele quando o gosto cria estigmas que segregam indivíduos e/ou grupos na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: gosto; masculinidade; afeminados; Grindr; afeminofobia.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, as redes sociais se tornaram ferramentas indispensáveis para socialização virtual, visto que conseguem reunir diferentes grupos da sociedade em um só lugar. No aplicativo Grindr⁴, rede social utilizada majoritariamente por homens gays para fim afetivo-sexual, homens de diferentes sexualidades, transsexuais e travestis, dividem-se em estereótipos propostos pelo desenvolvedor do *app*, o israelense Joel Simkhai, e os próprios usuários — esses últimos têm voz ativa na busca por atualizações que se adequem a suas preferências. Nesse contexto, algumas “tribos”, termo utilizado na plataforma, ganham mais destaque que outras gerando, dessa forma, uma disparidade

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bolsista PET/FNDE e graduando do 1º semestre do Curso de Produção Editorial da UFSM – *campus* Santa Maria, e-mail: em1771668@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora substituta do departamento de Comunicação da UFSM — *campus* Santa Maria, e-mail: ortis.andrea@gmail.com.

⁴ O Grindr surgiu em 2009, como uma iniciativa de Joel Simkhai para ajudar a encontrar parceiros mais facilmente. Ele utiliza a tecnologia *Global Positioning System* (GPS) para localizar usuários próximos, indicando a distância que um sujeito está do outro. Atualmente, este aplicativo conta com cerca de 3.6 milhões de usuários em 192 países. Entre suas principais funcionalidades estão: troca de informações e fotos, altura, peso, “tribos” a que enquadram e *chat*. Em 2016, a empresa chinesa *Kulun Tech* comprou a participação majoritária do Grindr. Dois anos depois, a ferramenta causou polêmica ao ser acusada por um ONG norueguesa de vender os dados dos usuários, inclusive o *status* de HIV, para empresas.

entre usuários que culmina na elitização dos mesmos. Como afirma Saraiva, Santos e Pereira (2019, p. 115) “a virtualização não deixa de lado as assimetrias sociais, hierárquicas e disputas ligadas a questões de gênero, raça e sexualidade do mundo real.”, logo, favorecendo alguns grupos e desfavorecendo outros.

Entre um dos grupos que mais sofrem com essa hierarquia e, por conseguinte, o preconceito, são os homens considerados afeminados⁵. “Não sou e nem curto afeminados”, “Gosto de homens de verdade, não dessas mulherzinhas” e “Sou macho de verdade e curto outros machos. Afeminados passem para o próximo”, essas são algumas das *bios*⁶ mais comuns dos homens que praticam a afeminofobia. Analisando esses textos, é possível destacar três pontos comuns que caracterizam essa aversão: a misoginia⁷, quanto à discriminação das características consideradas femininas, o machismo⁸, quanto à inferiorização dos homens afeminados, e a heteronormatividade⁹, quanto ao ver a única representação de um macho de verdade como alguém completamente masculino. Esse último ponto é de vital importância, na medida que o ser masculino é visto como hegemônico e sem exceções. Nesse sentido, Baubérot (2013, p. 190), utilizando-se da famosa frase de Simone Beauvoir (1967, p. 9) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, afirma que “não se nasce viril, torna-se viril”, ou seja, a masculinidade é ensinada, não é algo que nasce com o homem, nem é única e imutável, mas sim transcendente e está presente em diversas formas na natureza.

Nesse sentido, os perfis do Grindr foram examinados através da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977), a fim de definirmos a linha que separa o preconceito das preferências atrativas, uma vez que a frase “Não sou e nem curto afeminados”, muitas vezes, é precedida pela “Não tenho preconceito, é só questão de gosto”. Nesse cenário, pretende-se questionar, em primeiro lugar, o conceito de masculinidade hegemônica (KIMMEL, 1998). A partir disso, investiga-se a construção do gosto (BOURDIEU, 2007) com o objetivo de desconstruir o conceito de “gosto não se

⁵ A palavra afeminado possui sinônimos como, por exemplo, afemeado e amaricado. Nesse artigo, foi escolhido afeminado por ser o mais comum e de conhecimento social mais abrangente que as outras.

⁶ A *bio* do Grindr é um espaço disponibilizado dentro do aplicativo para que o usuário possa escrever sobre si próprio em um campo de preenchimento com limite de 255 caracteres.

⁷ Segundo Monterani (2016, p. 167), a misoginia “é o prejuízo mais antigo do mundo e apresenta-se como um ódio ou aversão às mulheres, podendo manifestar-se de várias maneiras, incluindo a discriminação sexual, denegrição, violência e objetificação sexual das mulheres.”

⁸ Saffioti (1987), Auad (2012) e Louro (2001) apud (OLIVEIRA, MAIO, 2016) entendem o machismo como uma dominação masculina que inferioriza a mulher por meio de violência verbal, psicológica e física.

⁹ Para Saraiva, Santos e Pereira (2019, p. 118) a heteronormatividade é “um aglomerado de ‘normas’, é (re)criada por meio de discursos, práticas, crenças e costumes, influenciando diretamente na sociabilidade dos sujeitos.”

discute”. Após reavaliar esses termos, masculinidade e gosto, é cabível refletir sobre a relação entre afeminofobia e o reconhecimento social (HONNETH, 2003). Partindo dos perfis selecionados — 14 usuários selecionados no dia 12 de julho de 2020, no período de 14 horas às 15 horas —, juntamente com as questões aprofundadas anteriormente, realizaremos a distinção entre discriminação e gosto.

2. MASCULINIDADE OU MASCULINIDADES?

Para Connell (1995, p. 189-90) “existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens”. Assim sendo, desde cedo os homens sofrem pressão social para que sejam distintos das mulheres e que se afastem do comportamento dito feminino. Partindo da construção da masculinidade, historicamente os homens já são pautados com características consideradas masculinas desde antes de nascerem. O pai, muitas vezes, já se imagina ensinando seu filho a jogar futebol, pescar e, na adolescência, como flertar como um homem¹⁰ com as meninas. Além disso, como afirma Nader & Caminoti (2014, p. 4) “na sociedade ocidental atual, a família, a escola, a religião, a mídia e a sociedade em geral, ensinam de maneira velada ou explícita quais comportamentos são masculinos ou não”.

Os homens, então, com características consideradas femininas são vistos como párias da heteronormatividade. Nessa linha de pensamento, utilizamos os conceitos de masculinidade hegemônica, com homens brancos, heterossexuais e cristãos, e a masculinidade subalterna, todos que não se encaixam no padrão hegemônico, proposto por Kimmel (1998). Sendo considerados inferiores os afeminados, sua masculinidade é negada, seu direito de ser homem é restrito. Nem homem, nem pessoa, os afeminados são rejeitados pelos seus iguais por não se encaixarem nos padrões masculinos e, ao mesmo tempo, são jogados contra seus próprios corpos. “Fala como homem”, “Anda que nem homem”, “Homem não chora”, etc., tantas expressões que acuam quem não se encaixa, tantas agressões que fazem do homem perder sua identidade e se tornar um produto da sociedade. Todavia, nas palavras de Judith Butler (2015, p. 55):

¹⁰ Quando me refiro a isso, quero dizer que culturalmente os homens são encarregados de iniciar a paquera com as mulheres. Como afirma Ramos (2017) isso deve a uma cultura patriarcal fortemente enraizada no Brasil, no qual o homem é superior à mulher e por isso tem o direito de escolher sua companheira e assim dar início a empreitada afetiva para fim amoroso e/ou sexual.

Se é possível falar de um “homem” com um atributo masculino e compreender esse atributo como um traço feliz, mas acidental desse homem, também é possível falar de um “homem” com um atributo feminino, qualquer que seja, mas continuar a preservar a integridade do gênero.

À luz do pensamento de Butler (2015), entende-se que o conceito de masculinidade está gravemente desatualizado. Como afirma Kimmel (1998), a masculinidade não é algo que está no cerne do homem, muito menos é algo biológico. A cultura, o tempo, a idade do indivíduo e outras variáveis influenciam na concepção e entendimento da masculinidade. Diante disso, cabe destacar que o mundo *queer*¹¹ apresenta suas masculinidades. Então, por que não considerar traços femininos como adjetivos da masculinidade moderna? Diversos outros autores concordam com Kimmel (1998) e Bauberót (2013), mas o padrão hegemônico ainda é o que se estende na maior parte da sociedade. Nesse viés, surge a pergunta: por que isso acontece? Um dos lados desse problema está conectado aos pais que se limitam a transmitir o conhecimento de seus próprios pais contribuindo, assim, para o enraizamento do pensamento antiquado de masculinidade. De outro, o ensino sobre sexualidade e gênero não está presente nos anos iniciais de ensino nas escolas. Se implementado, pode vir a contribuir não só no entendimento das diversas masculinidades, como também no entendimento sobre o feminino e sobre o papel do homem e da mulher no mundo contemporâneo. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (1996, p. 49), essa proposta se adequa a esse local, visto que:

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar.

Partindo da perspectiva do Grindr, Grohmann (2016, p. 74) afirma que a “normalização discursiva”, portanto, tem principalmente uma dimensão de gênero ligada à ‘heteronormatividade misógina’. Dessa forma, tudo que se refere ao feminino é, automaticamente, taxado como não atraente. Seguindo essa linha, entende-se que o gosto

¹¹ Esse termo, originado nos Estados Unidos, surgiu para ofender pessoas LGBTQIA+, entretanto com a eclosão da Teoria Queer e o crescimento dos movimentos de libertação sexual e de gênero, essa gíria começou a ser utilizada para identificar as pessoas pertencentes à comunidade. Em vista disso, *queer* é designado para todos que não se identificam com heterocisnormatividade, isto é, que não pertencem a imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade. Esse termo também é conhecido como guarda-chuva, por envolver todos da sigla LGBTQIA+ — lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, *queers*, intersexuais, assexuais e o + representa todas as outras sexualidades e identidades de gêneros como, por exemplo, pansexuais e gênero não-binário que fazem parte do mundo *queer*.

por homens masculinizados é considerado legítimo. Todavia, da mesma forma que o masculino é construído socialmente, a questão do gosto pode ser considerada um efeito desse ensino. À medida que se considera o padrão heteronormativo como atraente, os atributos considerados atrativos também são frutos desse modelo de masculinidade. Logo, como discutido mais afrente, o gosto é fruto do *habitus* social (BOURDIEU, 2007).

3. GOSTO SE DISCUTE

Ao dissertar sobre estigma, Goffman (1988) o define como uma determinada característica do sujeito considerada negativa, uma vez que a ligação entre aspectos físicos ou comportamentais e atributos morais pejorativos conduz à aversão contra indivíduos das consideradas minorias sociais como, por exemplo, a comunidade LGBTQIA+. Dessa forma, o estigma é uma marca que transforma essas populações em pessoas inferiores. Partindo dos afeminados, o estigma seria seus adjetivos considerados femininos — voz fina, roupas femininas e gesticulação afeminada, por exemplo — que, como Grohmann (2016) afirma, não são atraentes no Grindr. Dentro da plataforma, esses atributos ganham destaque ao serem considerados como mau gosto. Como dito anteriormente, a frase: “Não sou e nem curto afeminados”, muitas vezes, é precedida pela “Não tenho preconceito, é só questão de gosto”, entretanto, como Bourdieu (2007) e Fiorin (1997) afirmam, o gosto é uma construção social que emerge das características das classes de alto poder aquisitivo que classificam o que é bom e mau gosto. Como observa Bourdieu (2007, p. 17) “o julgamento do gosto é a manifestação suprema do *discernimento*”. Portanto, não só o gosto é ensinado, como também cabe refletir como acontece a construção desse discernimento.

“Gosto não se discute”, é uma expressão popular que entrega uma auto explicação, todavia, por que o gosto não se discute? Segundo Bourdieu (idem, p. 164) a explicação mais plausível se deve “pelo fato de que condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes.” O *habitus* seria a construção social que abrange os círculos dentro e fora do seio familiar. Como o autor propõe, é uma estrutura estruturante que ensina o que deve ser gostado sem questionar a origem do gosto. Ao passo que o discernimento do bom e mau gosto é definido por altas classes sociais (BOURDIEU, 2007; FIORIN, 1997), essa divisão incita as baixas classes a seguirem o gosto inquestionável para se adequarem

ao perfil esperado na coletividade. Acerca disso, Fiorin (1997, p. 17) observa que a partir do que:

[...] se considera bom gosto numa certa época, num dado lugar, numa determinada classe social (em geral, as camadas privilegiadas mais antigas) e, ignorando todas essas restrições e esses condicionamentos, eleva-se norma à categoria de universal, promove-se a variante à invariante. Por isso, *o gosto* significa “bom gosto”.

Em relação ao gosto por corpos, Louro (2010) afirma que o corpo ganha sentido socialmente, ou seja, os padrões de beleza são definidos pela sociedade. Nesse sentido, Fiorin (1997, p.21), explica como o gosto é um “meio de estetização do mundo”, os padrões que definem o bom gosto por pessoas atraentes são calcados com o objetivo de tornar o indivíduo mais belo, porém nem todos têm acesso às ferramentas para transformar seu corpo em uma versão mais bela, como também nem todos se sentem confortáveis em se manter nesse padrão, como afirma Beyoncé (2014) “a beleza machuca” (tradução nossa). A partir disso, surge o preconceito por corpos que não se enquadram e não se mantêm no perfil ideal de beleza. Mas, quando o corpo do sujeito não se encontra alinhado aos padrões ideais, isso abre portas para distúrbios como, por exemplo, a bulimia e a anorexia, que prejudiquem a vida dos indivíduos. Nesse contexto, o corpo diferente (LOURO, 2010) deve ser enaltecido, não por ser considerado o contrário da beleza, mas sim por ser o mais presente na sociedade e mesmo assim ser considerado subalterno ao corpo ideal. Louro (2010, p. 15) ainda reitera que:

O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam de fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência.

Em entrevista à rádio SiriusXM, em novembro de 2013, Joel Simkhai afirma que “o Grindr nos força a nos aprimorarmos [...]. Com certeza eu vou mais para a academia por causa do Grindr. Eu estou competindo com o cara no quadradinho ao lado naquela tela.” Analisando sua fala, percebe-se que o *app* é um reflexo do que é compreendido como bom gosto para beleza na sociedade (BOURDIEU, 2007; FIORIN, 1997), ao

mesmo tempo que destaca a competição como incentivo para o aprimoramento do corpo. Dessa forma, Grohmann (2016, p. 75) declara que:

[...] a legitimação de padrões hegemônicos a partir de estratégias discursivas de distinção silenciando qualquer possibilidade de discussão por considerar que ‘cada um tem um gosto’, transformando em meras diferenças individuais o que é construção social e acaba por reforçar desigualdades.

Nessa perspectiva, o gosto pode ser considerado, em alguns casos, um preconceito enraizado no entendimento social. Logo, como estratégia para desconstruir a discriminação, o gosto é sim discutível.

4. AFEMINOFOBIA: UMA REFLEXÃO SOCIAL

Em 1991, Eve Kosofsky Sedgwick utilizou, pela primeira vez, a palavra afeminofobia no seu artigo *How to Bring Your Kids Up Gay* para definir meninos com traços afeminados que, como em Goffman (1988), possuem estigmas a serem definidos como uma patologia (SEDGWICK, 1991). Reforçado por Cornejo (2012, p.71), quando esse afirma que:

Quase todos os meus professores me adoravam, mas me lembro que os que lecionavam Educação Física eram particularmente hostis a mim. Um desses professores falou com meu pai, porque estava preocupado comigo, e disse a ele que eu era muito afeminado, e que todos meus colegas zombavam de mim. Meu pai, ao chegar em casa, me repreendeu, e não hesitou em me culpar pela hostilização sistemática pela qual eu passava no colégio. Quando este professor chamou meu pai para falar sobre o meu afeminamento, tornou-se inevitável e óbvia a patologização do meu corpo, como das minhas performances de gênero.

Analisando a fala de Cornejo (2012), destacam-se três pontos: o padrão heteronormativo esperado do menino pelo professor de educação física e pelo pai; a repreensão do pai ao filho, quando esse último é, erroneamente, culpado por sua afeminação; e a patologização das características consideradas femininas no corpo do garoto. Esses tópicos representam o que acontece com muitos garotos que, na infância, sofrem afeminofobia por causa de seus corpos e ações que vão na contramão da sociedade patriarcal e heteronormativa. Além disso, são considerados culpados pela zombaria que recebem por serem afeminados. Comprovando isso, Castro, Medeiros e Siqueira (2019, p. 6) dissertam que as “interações sociais primárias como a descrita prescrevem, portanto,

o estereótipo [...]: é afeminado e, portanto, futuro homossexual; logo, deve ser corrigido, e pelo diagnóstico termina patologizado”.

Segundo Miskolci (2017, p. 194) “o homem viril – quer seja hétero ou homossexual – ganha materialidade a partir de seu desprezo ou oposição à bicha afeminada”, no que se refere ao Grindr, essa heteronormatividade dominadora abrange aos conceitos de masculinidade (KIMMEL, 1998), de gosto (BOURDIEU, 2007; LOURO, 2010) e, por fim, de seu reconhecimento social (HONNETH, 2003). No que tange reconhecer os afeminados como parte da comunidade LGBTQIA+, à luz da teoria do reconhecimento social de Honneth (idem.), sua identidade é concedida através da intersubjetividade que, como o autor afirma, permite a liberdade individual e a autonomia do indivíduo. Partindo do reconhecimento intersubjetivo, ele se encontra ancorado em três esferas da vida social: o amor, nas relações afetivas; o direito, nas relações jurídicas e morais; e a solidariedade, nas relações de estima social. No *app* de Sinkhai, essas esferas se encontram deturpadas, indo de encontro ao que Honneth (idem.) descreve ser o não-reconhecimento, sendo essas definidas: a violação, a privação de direitos e a degradação. Entende-se a violação, no Grindr, como forma de desprezar as características femininas por meio de ofensas que os afeminados observam nas *bios* ou recebem no *chat*. Na linha da privação de direitos, os afeminados têm seus corpos e seus trejeitos entendidos como não atraentes (GROHMANN, 2016), dessa forma, negando o direito de participação na plataforma. E, por último, a degradação concerne o desrespeito e o rebaixamento em vista da misoginia e do machismo que promovem a afeminofobia como “questão de gosto” em vez de preconceito enraizado no entendimento do homem e das masculinidades (KIMMEL, 1998).

A partir do exposto, compreende-se que a afeminofobia deve ser combatida. Nesse contexto, Castro, Medeiros e Siqueira (2019, p. 9) ainda reforçam que políticas públicas não são o único caminho para reconhecer essa população, ao passo que ações de inclusão ganham uma nova visão como ferramenta de entendimento de que os afeminados também fazem parte da sociedade e merecem ser respeitados, por isso “é preciso influenciar pessoas, interferir na cultura machista e afeminofóbica, ser literalmente, agente de mudança”. Promovendo, assim, a mudança social para reconhecer as minorias.

5. DOS CRITÉRIOS METODOLÓGICOS À APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Partindo do objetivo geral da pesquisa, definir a linha que separa o preconceito das preferências atrativas no Grindr, foram analisados 100 perfis dos quais foram colhidas 14 *bios* do aplicativo e categorizadas seguindo a metodologia de Análise de Conteúdo. Acerca desse método, Bardin (1977) o estipula como a aplicação de métodos ordenados para detalhar o conteúdo, nesse caso, das *bios*, a fim de obter indicadores de cunho quantitativo ou não. Dessa forma, foram analisados a frequência em que aparecem as frases afeminofóbicas e classificadas em critérios determinados.

Para melhor compreensão dos dados, foram realizadas duas etapas. Na primeira, realizou-se uma análise geral do material coletado com o objetivo de relacionar e organizar as categorias a serem exploradas na segunda etapa, dessa forma, permitindo uma visão completa dos dados e o desenvolvimento dos procedimentos seguintes. Acerca das categorias selecionadas para o segundo momento, foram escolhidas para este estudo, partindo das características mais proeminentes dos *bios*, os três pontos comuns presente na afeminofobia, a misoginia, o machismo e a heteronormatividade.

A utilização o aplicativo se deu no dia 12 de julho de 2020, no período das 14 horas às 15 horas, na cidade de Rosário do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Por compreender uma cidade do interior, onde se encontram poucos usuários, os perfis selecionados pertencem a uma distância máxima de 119 quilômetros¹². Devido ao fato da cidade se encontrar próxima da fronteira oeste ed, o Uruguai, alguns perfis que surgem na tela inicial do aplicativo estão em outro idioma, por isso, esses não foram considerados na pesquisa, uma vez que decidimos selecionar aqueles que permitem a compreensão em português brasileiro. Como critério de seleção, os perfis selecionados apresentam as palavras “afeminado(s)”, seguidos de alguma afirmação negativa em relação a esse grupo, como será descrito na Tabela 1. Desse modo, todos os perfis cumprem a regra de pertinência de Bardin (1977, p. 98), quando essa indica que “os documentos retidos devem ser adequados enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”. Por isso, foram examinadas as informações nas *bios* de

¹² O *app* não permite à escolha de uma distância máxima, tendo em vista que, na sua versão gratuita, ele fornece os 100 perfis mais próximos utilizando o sistema de GPS. Além disso, nem todos os perfis selecionados apresentam a distância em que se encontram, a plataforma permite essa escolha. Nesse contexto, a distância máxima descrita nos perfis selecionados foi a de 119 quilômetros. Foram considerados dois perfis que não apresentam a sua distância descrita na plataforma, essa escolha se deu por apresentarem os critérios para seleção dos perfis e pela pesquisa não considerar a comparação entre localidades.

cada perfil que seguem os critérios definidos. Quanto à disposição do texto das *bios*, não foram feitas correções gramaticais, concordância e afins para, assim, permitirmos a originalidade das informações contidas nas descrições, com exceção das abreviaturas como, por exemplo, “q” — significa que —, “Ñ” — significa não — e “trans” — significa transsexuais —, entre outras abreviaturas e gírias que explicaremos mais adiante.

Nesse contexto, foram observados os dados a seguir dispostos na Tabela 1:

Tabela 1 — Descrições informadas nas *bios*

<i>Bios</i>	Descrição
B01	“Curto dotado. Sigilo. Não curto afeminado. Curto voz de macho. Bixarada doida que só fala em retribuir foto, vai tomar no cu. Fodase. Não curto gente enrolada. Se não é macho nem me chama, vamos poupar nosso tempo!”
B02	“Sou discreto, procuro amizades... sem fotos nem respondo. Não curto afeminado, transsexual, travesti, nem quem está no armário!!!”
B03	“Nuds ¹³ somente retribuo, não estou desesperado por sexo. Não curto afeminados nada contra, por opção. Bora, 100% discreto”.
B04	“Não exija aquilo que tu pode proporcionar. Gosto muito de cozinhar, sou caseiro, amo sertanejo universitário. Não gosto de caras afeminados, voz fina. Respeito, mas não curto. Sem foto. sem papo. Prefiro cara com MATUREZA e ATITUDE. Não para casal”.
B05	“Não curto afeminados!!! Peludos e pentelhudos passam na frente. Não curto novinhos e afeminados... Procuro e ofereço sigilo!”
B06	“Versátil procurando versátil /versátil ativo/ versátil passivo ¹⁴ pra parceria fixa no sigilo e amizade. Não sou e não curto cara afeminado. Prefiro caras discretos e masculinos”.
B07	“Homem discreto, procuro semelhantes. Peludos e rústicos têm preferência. Não curto afeminado e árvore de natal. Tenhas fotos e descrição, por favor?”
B08	“Sou 100% passivo, não sou e não curto caras afeminados ou com trejeitos, nada contra, apenas questão de gosto. Curto ser submisso e obedecer o comedor, curto apanhar! <i>Spanking</i> leve ¹⁵ !”
B09	“Só foda. Bezerro que adora mamar pica. Não curto afeminado. Mando foto na conversa. As vezes com local!”
B10	“Não curto guri nem afeminados muito menos enroladores de plantão. Fetiches, tô fora. Curto ter e dar prazer. Algo a mais deixo rolar. É isso! Ah, também não falo com fantasmas. Sem foto, sem resposta”.

¹³ O correto é “nudes”, originada da gíria em inglês *send nudes* (em tradução livre: envia nus), a gíria surgiu em 2008, nos Estados Unidos, após uma postagem na rede social Flickr. No Brasil, a gíria ficou conhecida, em 2015, como “manda nude”, após um perfil da rede social Tumblr, chamado Manda Nude, começar a fazer postagens inserindo a frase em imagens editadas. Significa enviar fotos de partes íntimas para outro usuário.

¹⁴ Na comunidade LGBTQIA+, em especial os homens, utilizam as gírias “ativo”, quando o indivíduo é quem irá penetrar o parceiro, “passivo”, quando o indivíduo irá ser penetrado pelo parceiro, e o versátil, quando o indivíduo se sente à vontade sendo ativo e passivo. Nesse caso, o usuário utilizou subcategorias, “versátil ativo” e “versátil passivo”, que designam quando o indivíduo versátil tem preferência em ser ativo ou passivo.

¹⁵ Essa gíria remete as práticas sexuais do fetiche BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), onde o indivíduo sente prazer em sentir dor durante o ato sexual.

B11	“Se é para chamar e fica enrolando nem chama. Gordos e velhos e afeminado não rola, sem preconceito não sou melhor que ninguém, mas tenho minhas preferências. Obrigado”.
B12	“Artigo 69 do Código Ético: todos tem direito de se reservar no armário, caso assim eles queiram. Fez, não espalha! Não fez, não inventa! Masculinidade é fundamental. 1% afeminado, nem chama!”.
B13	“Sou só passivo discreto sempre no sigilo absoluto. Curto dotados faço garganta profunda ¹⁶ . Sou submisso, porém insaciável. Não curto afeminados e sim homens discretos másculo e dominadores com pegada. Não importa a idade”.
B14	“Gosto muito de um bom papo, pra descobrir o que rola de bom se for 100% sigilo. Sou bissexual. Não curto afeminados, nada contra, questão de gosto. Educação é tudo, higiene um máximo, perfuminho um <i>plus</i> ... Silêncio é resposta. S/L ¹⁷ . Perfil <i>Fake</i> ¹⁸ é coisa de gente covarde!”.

Fonte: Dados coletados das *bios* de 14 usuários do Grindr, em 12 de julho de 2020.

A partir desses dados, deu-se início à formulação da Tabela 2, onde nos debruçamos nos dados e os classificamos conforme as categorias citadas anteriormente.

Tabela 2 — Categorização das *bios*

Categorias	<i>Bios</i>	Frequência
Misoginia	B01; B02; B03; B04; B06; B07; B08; B09; B10; B11; B12; B13; B14.	13
Machismo	B01; B02; B04; B05; B07; B08; B11; B12.	8
Heteronormatividade	B01; B04; B05; B06; B07; B08; B11; B12; B13.	9

Fonte: Dados coletados das *bios* de 14 usuários do Grindr, em 12 de julho de 2020.

Dessa forma, classificamos os 14 perfis selecionados no Grindr de acordo com as informações contidas nas *bios* conectando suas falas as categorias que caracterizam a afeminofobia. Em uma revisão geral, percebemos que a **misoginia** obteve 13 ocorrências, na qual os usuários desprezam ou inferiorizam as características femininas dos afeminados. Destacamos que essa prática é comum no aplicativo, tendo em vista que muitos homens usam o argumento de “masculinidade é fundamental” (B12), pois, na concepção deles, trata-se de uma plataforma para homens encontrarem outros homens somente com características consideradas viris para, assim, menosprezar as características

¹⁶ Consiste no sexo oral, porém com a introdução do pênis na cavidade oral, passando pela orofaringe e chegando à laringofaringe. É uma prática comum para indivíduos que possuem a genitália maior que 17 centímetros.

¹⁷ Não foi identificado uma única gíria para essa expressão, porém um dos significados encontrados é “Só lamento”, onde o usuário, nesse caso, afirma não se responsabilizar pelas mensagens não respondidas.

¹⁸ Em tradução livre, são perfis falsos, onde um usuário cria um perfil falso para conversar com os outros usuários. O motivo para criação é bem variável, podendo ser se achar feio para o *app* ou, em muitos casos, homens casados que criam esses perfis para não serem reconhecidos.

femininas e reiterar o gosto por homens masculinizados como legítimo (BOURDIEU, 2007; MISKOLCI, 2017; GROHMANN, 2016).

A categoria **machismo**, mesmo sendo a com menor ocorrências, está presente em oito dos perfis analisados. Nessa categoria, para parâmetro de diferenciação da misoginia, seguimos o entendimento de machismo de Saffioti (1987), Auad (2012) e Louro (2001), onde o machismo inferioriza as características femininas por meio, nesse caso, da violência verbal. Consideramos o gosto como violência, ao passo que estratifica e estigmatiza (GOFFMAN, 1988) os gays afeminados como motivo de repulsa.

Quanto à categoria da **heteronormatividade**, segunda com maior ocorrência, é visível o desejo por características masculinas. Porém, como em Grohmann (2016), ao mesmo tempo que esses adjetivos são perseguidos, eles fortalecem um padrão hegemônico do homem. A partir da masculinidade subalterna (KIMMEL, 1998), essa sofre repressão para se enquadrar nos padrões de beleza masculinizados considerando a estetização como único meio para alcançar a beleza viril.

No decorrer do nosso estudo, entendemos que os usuários utilizam das ofensas contra os afeminados como motivo para manter seu privilégio masculino que, segundo Kimmel (1998, p. 105) são “os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados”, dessa forma, compreendemos que os perfis analisados desfrutam de privilégios, uma vez que os usuários selecionados atendem ao perfil heteronormativo e buscam outros indivíduos que se enquadrem no mesmo. Logo, o “Não curto afeminado” (B01), e suas variações, oprimem os afeminados sem perceberem a violência que estão praticando, em muitos casos, com a desculpa que é “apenas questão de gosto” (B08).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do nosso estudo, entendemos que a afeminofobia se estende desde a infância até a vida adulta como fruto da criação de uma sociedade patriarcal que, antes do nascimento, já espera comportamentos e gostos considerados femininos e masculinos. O gay afeminado, o estigma da sociedade (GOFFMAN, 1988), é discriminado em diferentes círculos sociais sem, dessa forma, possuir o reconhecimento social (HONNETH, 2003). Além disso, é exigido que seus comportamentos afeminados fiquem presos no armário de sua sexualidade, assim, protagonizando a masculinidade hegemônica e a

heteronormatividade como ações sociais que visam corrigir os gays afeminados. Entretanto, entendemos isso como uma forma velada de usar do machismo e da misoginia para correção do que não precisa ser corrigido.

Nessa visão, evidenciamos que a afeminofobia não se restringe à comunidade LGBTQIA+, uma vez que homens heterossexuais com trejeitos afeminados também sofrem desse problema. Dessa forma, compreendemos que a afeminofobia não é sobre desejo e sexualidade, mas uma forma de negar expressões femininas como traços das masculinidades (CASTRO, MEDEIROS, SIQUEIRA, 2019). e, para os afeminofóbicos, devem ser escondidas e consideradas patologias que ferem os que vão contra a masculinidade hegemônica.

No contexto do Grindr, reiteramos que o gosto mais que uma construção social (BOURDIEU, 2007; FIORIN, 1997; LOURO, 2010), é um reflexo do que se espera que seja belo e aceitável e que separa o que vai contra a “voz de macho” (B01), os “peludos e pentelhudos” (B05) e o “curto dotados” (B13). Assim, concluímos que a divisão entre preconceito e preferências atrativas se dá quando reconhecemos nosso preconceito e nos permitimos investigar sua origem. Para isso, a utilização de espaços como, por exemplo, a escola, são importantes marcos iniciais para questionar o gosto considerado legítimo.

Salientamos que não queremos dizer que todos devem sentir atração sexual por todos. As pessoas têm seus gostos e suas preferências, isso não é errado, mas quando permitimos que nossos gostos gerem aversão a outra comunidade na sociedade, isso deve ser discutido. Além disso, outra questão do gosto é impormos ele para o resto da sociedade gerando, assim, a marginalização de outros grupos sociais e os considerando inferiores. Na afeminofobia, o ser masculinizado impera sob o afeminado, assim, questionar a construção social do gosto, como também o papel do homem e da mulher na sociedade contemporânea, instiga o movimento de mudança e o reconhecimento das diferenças na sociedade para quebrar estigmas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUBÉROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE J. *et al.* (Orgs.). **História da virilidade**. vol. 3: a virilidade em crise? Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 189-220.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEYONCÉ. **Pretty Hurts**. Nova York: Parkwood Entertainment/Columbia, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa-5n5w>>. Acesso em: 12 ago, 2020.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, G. H. C. de; MEDEIROS, B. N.; SIQUEIRA, M. V. S. Afeminofobia: um convite à reflexão. *In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Anais. Recife (PE) UFPE, 2019.* Disponível em: <<https://cutt.ly/Ed9wN5w>>. Acesso em 12 ago. 2020.

CORNEJO, G. A Guerra declarada contra o menino afeminado. *In: MISKOLCI, R. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 69-78

COSTA, V. da P.; CRUZ, J. L. Gaydárpio: Estigmatização de Corpos no Aplicativo Grindr. *In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais. Campo Grande (MS) UFMS, 2018.* Disponível em: <<https://cutt.ly/Md9eGvq>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Liberdade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://cutt.ly/Qd7DmfZ>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

FIORIN, J. De gustibus non est disputandum? Para uma definição semiótica do gosto. *In: LANDOWSKY, E.; FIORIN, J. L. (Org.). O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 13-28.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GROHMANN, R. Não sou/ não curto: sentidos midiáticos de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 21, n. 35, p. 70-79, ago. 2016. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1.20586>>. Disponível em: <<https://cutt.ly/Fd9eshO>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

KIMMEL, M. S. Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>>. Disponível em: <<https://cutt.ly/Ed9wXgE>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

LOURO, L. G. Pedagogias da Sexualidade. *In: _____ (Org.). O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 7-34.

MEDEIROS, E. S. De “não curto afeminado nem pra amizade” a “por que tantos heteronormativos?”: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p.55-62, ago. 2017. DOI: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v23n1.35785>>. Disponível em: <<https://bitly.com/LeMwx>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. de. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do avesso**, Araçatuba, v. 14, n. 14, p. 167-178, nov. 2016. Disponível em: <<https://cutt.ly/Wd9ewvv>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

NADER, M. B.; CAMINOTI, J. M. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. *In*: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Anais. Rio de Janeiro (RJ) USU, 2014. Disponível em: <<https://cutt.ly/6d9ef6x>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

OLIVEIRA, M. de; ROSE MAIO, Eliane. “Você tentou fechar as pernas?”: a cultura machista impregnada nas práticas sociais. **POLÊMICA**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1-18, ago. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.12957/polemica.2016.25199>>. Disponível em: <<https://cutt.ly/Fd9erM4>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RAMOS, A. D. Para exercer o machismo da paquera. Disponível em: <<https://cutt.ly/Qd9w43K>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SARAIVA, L. A. S.; SANTOS, L. T. dos; PEREIRA, J. R. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. **BBR, Braz. Bus. Rev.**, Vitória, v. 17, n. 1, p. 114-131, fev. 2020. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>>. Disponível em: <<https://bitly.com/ijYyu>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SEDGWICK, E. K. How to bring your kids up gay. **Social Text**, Durham, n. 29, p. 18-27, 1991. DOI: 10.2307/466296. Disponível em: <<https://cutt.ly/Yd9emDz>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SIGNORI, M. Joel Simkhai, Grindr Founder And CEO, On Gay Social Networking App's Worldwide Impact. Disponível em: <<https://cutt.ly/Jd9evEV>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA JUNIOR, P. M.; BRITO, L. T. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **ÁSKESIS**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26-38, jan./jul. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2yOboHG>>. Acesso em: 12 ago. 2020.